

Meu corpo, minha vida: O filme como agente para o debate**My body, my life: The film as an agent for debate**

DOI:10.34117/bjdv6n12-219

Recebimento dos originais: 10/11/2020

Aceitação para publicação: 10/12/2020

Mariana Ribeiro da Silva Tavares

Pós-Doutorado em Artes/Cinema pelo PPGARTES/UFMG

Instituição de atuação atual: UFMG

Endereço: Rua Chicago, 554/102, cep 30 315 520, Bairro Sion, Belo Horizonte, MG

E-mail: Marianatavares167@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisa o mais recente filme da cineasta brasileira Helena Solberg, o documentário *Meu corpo, minha vida*, lançado em 2017 e seu potencial como propulsor do debate sobre o direito da mulher de tomar decisões sobre seu próprio corpo e se posicionar frente a um tema tabu na sociedade brasileira: o aborto.

Palavras-chave: Documentário, Helena Solberg, Feminismo.**ABSTRACT**

This article intends to analyze the latest film by the Brazilian filmmaker Helena Solberg, *Meu corpo, minha vida* released in 2017, and the possibilities of being used as a propellant for debate on issues related to women's rights over their bodies and their positioning against a taboo theme in Brazilian society: abortion.

Keywords: Documentary, HelenaSolberg, Feminism.**1 INTRODUÇÃO**

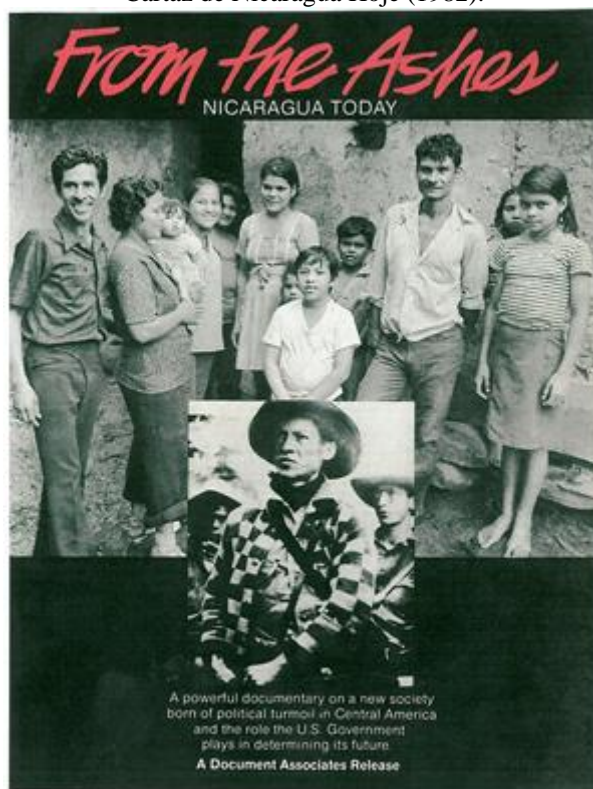
O mais recente filme da cineasta brasileira Helena Solberg, o documentário *Meu corpo, minha vida*, lançado no canal de TV a cabo, Globo News, em 2017, reconstitui, a trajetória de vida da jovem carioca Jandyra Magdalena dos Santos, de 27 anos, moradora de Campo Grande, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. A primeira parte do longa-metragem apresenta esta personagem através de imagens de arquivo de família - fotografias e pequenos vídeos caseiros gravados durante a infância e parte da adolescência de Jandyra. São imagens de memória que apresentam situações sociais vividas pela protagonista em festas de família, celebrações religiosas e também, em sua formatura na escola. Estas imagens são intercaladas aos depoimentos de parentes - mãe e irmã de Jandyra -, de amigos e colegas de trabalho.

Esses depoimentos rememoram aspectos afetivos da vida da jovem: os primeiros namorados; o vestido de gala preparado com cuidado para sua festa de quinze anos; a gravidez precoce; o primeiro

casamento ainda na adolescência; a frequência aos cultos evangélicos. A montagem do filme não evidencia se presenciamos o presente ou o passado da personagem. Não sabemos em que tempo estamos, o que gera suspense ao acompanharmos a história.

Essa articulação remete à outras produções anteriores da diretora Helena Solberg: Em *Nicarágua Hoje*¹ de 1982, a história dos Chavarrías, família nicaraguense que conduz o documentário sobre a reconstrução da Nicarágua após a Revolução Sandinista de 1979 (que interrompeu 45 anos de ditadura da família Somoza), é igualmente apresentada em imagens caseiras: são fotografias de antigos álbuns de família, comentadas por José e Clara Chavarría, pais de uma família de quatro filhos – três mulheres adolescentes e um garoto de nove anos. Embora os filmes abordem temas diferentes, identificamos em ambos, o mesmo dispositivo de apresentar um personagem através do depoimento de familiares comentando antigas imagens de arquivo de família.

Cartaz de Nicaragua Hoje (1982).



Fonte: Radiante Filmes

Também observamos o uso desta articulação na montagem da primeira parte do premiado documentário *Carmen Miranda, Bananas Is My Business* de 1994, em que o nascimento, infância e

¹ Filme premiado com um *National Emmy Award for Outstanding Background Analysis of a Current Story* (1983), (excelente análise de um contexto histórico).

juventude da cantora luso-brasileira são narrados por Aurora Miranda sua irmã, por Mário Cunha, seu primeiro namorado e por mais quatorze pessoas que conviveram com Carmen Miranda em sua juventude e fase adulta, no Brasil e Estados Unidos respectivamente. Além dos depoimentos, a narração é também conduzida pela voz *off* reflexiva da própria cineasta que não se identifica e, num tom confessional, estabelece uma relação de afeto com a personagem ao mesmo tempo em que explicita os desafios na construção fílmica. Mas nesse caso, todos os entrevistados se referem ao passado de Carmen Miranda.

Cartaz do filme *Carmen Miranda, Bananas Is My Business* (1994). Fonte: Radiante Filmes.



Fonte: Radiante Filmes.

Em *Meu corpo, minha vida*, a estratégia da montagem em não evidenciar qual tempo presenciamos – se o passado ou presente da personagem – contribui para o suspense que num crescendo, nos incita a acompanhar a história. Como várias jovens de classe média em Campo Grande, Jandyra vive os rituais da adolescência marcada pela festa de 15 anos (com direito à valsa, vestido branco talhado para a ocasião, salão de festas etc), pelos namoros e amizades.

Através dos depoimentos não só da família, mas também, do pastor Gilberto Maia, da Igreja Assembléia de Deus, e também do depoimento de uma amiga de Jandyra, percebemos a tensão entre a protagonista e o universo que a cerca: sua família, a Igreja, e também, o primeiro marido – Leandro - com quem se casa com apenas 15 anos de idade, após o diagnóstico de sua primeira gravidez. A apresentação da personagem ocupa cerca de vinte minutos na primeira parte do documentário, a ponto de nos perguntarmos: Será um filme sobre a vida de Jandyra? Qual história o filme quer nos contar?

A primeira parte do longa-metragem evidencia que o casamento de Jandyra e Leandro não deu certo e que a adolescente não teve outra saída a não ser, volta a viver na casa de sua mãe, com sua filha, Camille. Nesse período em que ela volta a morar com a mãe, Jandyra engravida novamente de Leandro e tem sua segunda filha, Caroline. Apresenta-se então uma situação delicada – uma adolescente com duas filhas, sem autonomia financeira para morar num espaço próprio e tendo que enfrentar uma tensão cotidiana que se estabelece entre ela e sua mãe. Embora tenha emprego, sua renda não é suficiente para lhe garantir autonomia e poder se distanciar do ambiente familiar que a oprime. Ela tem de conviver com esta tensão e ao mesmo tempo, com os anseios de ter uma vida social como suas amigas e outras adolescentes que conhece. Jandyra é portanto uma personagem fragmentada que vive essas tensões no espaço doméstico ao mesmo tempo em que sofre desamparo, uma total ausência de um interlocutor(a) que possa ouvi-la e com ela dialogar.

Esta parte inicial expõe os conflitos e o isolamento experienciados por Jandyra e sua condição de desamparo – social e familiar. A partir desta exposição inicial, a narrativa fílmica abre espaço para outras vozes. São médicos, psicólogos, pastores de outras igrejas, ativistas que expõem suas opiniões sobre a gravidez na adolescência e sobre os cultos na Igreja Evangélica. Temos então duas linhas narrativas: uma pessoal, em torno da personagem e outra de cunho social, com opiniões de profissionais sobre as circunstâncias que envolvem a gravidez na adolescência e o desamparo de jovens mulheres que enfrentam esta situação no Brasil.

Na terceira parte do filme a personagem começa a se reconstruir: sua pulsão de vida se manifesta na realização profissional quando ela se destaca em um novo emprego. Entretanto o processo é interrompido por uma terceira gravidez indesejada, agora com um novo namorado. Ao buscar apoio em casa, verbalizando o desejo em não permanecer grávida, obtém de sua mãe uma resposta clara, imperativa: “Você vai ficar”. Jandyra é reprimida pelas instituições que a cercam – a Igreja evangélica e a família – e não encontra saída neste sistema fechado.

Esta opressão e desamparo se transformam em *desesperança* no sentido apontado pelo filósofo Kierkegaard, a *desesperança* como "a doença mortal", a doença própria da personalidade humana e que a torna incapaz de realizar-se. (ABBAGNANO, 2007, p 242).

Nesta situação de desesperança, ela irá procurar ajuda em outro lugar - uma clínica clandestina em Campo Grande que lhe cobra quatro mil e quinhentos reais para interromper a gravidez. Para se dirigir à clínica ela entra num carro que a conduz para um condomínio residencial onde funciona a clínica com enfermeiros e um falso-médico. Ela morre durante o procedimento. No dia seguinte, é encontrado um corpo carbonizado dentro de um veículo em Guaratiba, também na zona oeste do Rio. Após 30 dias, exames de DNA comprovam: o corpo era mesmo de Jandyra.

O caso ganha repercussão nas mídias nacional e internacional. Seu nome vira palavra de ordem nas vozes de feministas pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro. A equipe do documentário de *Meu corpo, minha vida* busca outras vozes e dizeres para compreender as implicações do caso: são juízes, delegados, escritores, ativistas, religiosos, pastores, médicos e também duas jovens brancas de classe-média que relatam suas experiências bem-sucedidas com o aborto. Portanto, acompanhamos a discussão do ponto de vista jurídico, religioso, ético, moral, médico e também, na perspectiva das duas jovens.

Nas imagens que apresentam grupos de mulheres ativistas em manifestações nas ruas do Rio de Janeiro, um cartaz traz os dizeres "ricas abortam, pobres morrem". Em artigo assinado para a Revista Carta Capital, a feminista negra Joice Berth, acrescenta: "Mulheres pobres morrem, pois não tem recursos para bancar uma das cerca de mil e quinhentas clínicas de aborto seguras e confortáveis que existem clandestinamente em São Paulo. Mulheres pobres são majoritariamente negras." (BERTH, 2016). E prossegue no mesmo artigo: "Segundo a Organização Mundial da Saúde, a cada dois dias, uma mulher morre no Brasil, vítima de aborto clandestino". Esses dados são inseridos, inclusive, na parte superior do cartaz promocional do documentário *Meu corpo, minha vida*. Sem o amparo do Estado e da família, Jandyra entrou para essa triste estatística no ano de 2014.

Cartaz do documentário: Meu corpo, minha vida (2017), com o rosto de Jandyra Magdalena dos Santos em primeiro plano.



A primeira parte do documentário, como dito, se concentrou em compor o retrato da personagem, sem evidenciar se presenciávamos seu presente ou seu passado. Anunciada a tragédia, o retrato foi desfeito. Para não restar provas, com o imprevisto diante da morte, seu corpo foi queimado, carbonizado. Os membros cortados, a arcada dentária retirada etc. Os depoimentos de sua mãe e irmã narraram com detalhes, essa mutilação *post mortem* sem poupar os detalhes aos quais tiveram acesso, após um mês de investigações policiais em consequência inclusive, da repercussão nacional e internacional do caso. O drama foi reforçado na montagem, pela exposição das imagens de arquivo de televisão e jornais impressos que cobriram o caso. O tom grave da trilha sonora reforçou a tragédia. A morte foi reiterada, reconstruída em detalhes na narrativa sombria do filme.

É quando seguimos para a parte final do documentário com depoimentos argumentando sobre a necessidade da discriminação do aborto no Brasil para que não fossem mais necessárias as clínicas clandestinas. Mas ao construir um discurso reforçando a vinculação das clínicas clandestinas com a morte, este discurso não poderia colocar em risco a própria idéia de legalização do aborto? E aqui recorreremos mais uma vez, às colocações da ativista Joice Berth: “(...) legalizar é diferente de

discriminalizar, ou seja, essa segunda medida ainda nem é a mais adequada porque tira a prática da criminalidade mas não garante o direito ao procedimento.” (BERTH, 2016). Para a antropóloga e professora da UNB, Débora Diniz que pesquisa o aborto no Brasil há duas décadas e coordenou a Pesquisa Nacional do Aborto – PNA² – em conjunto com os pesquisadores Marcelo Medeiros e Alberto Madeiro, o assunto deveria ser tratado como tema de saúde pública e não criminal no Brasil.

O documentário *Meu corpo, minha vida* reforçou o debate quando foi lançado em 2017, momento em que se presenciava retrocessos na política brasileira, com o crescimento da extrema-direita e da base evangélica na Câmara dos Deputados Federais, contrária à legalização do aborto. Hoje a interrupção da gravidez no país é apenas permitida em três situações: quando há risco de morte da mãe causada pela gravidez, nos casos em que a gravidez é resultante de estupro e em casos de anencefalia fetal. Nessas três situações, permite-se à mulher optar por fazer ou não o aborto. Quando essa decide abortar, deve realizar o procedimento gratuito pelo Sistema Único de Saúde.

A situação de Jandyra Magdalena dos Santos não encontra amparo legal em nenhuma das três exceções previstas pela lei. Nem Jandyra, nem as centenas de mulheres que morrem anualmente no país por tentarem interromper suas gravidezes indesejadas. Nesse cenário dramático, o filme de Helena Solberg pode ser ponto de partida para várias discussões sobre o tema. E como apresenta diferentes pontos de vista – contrários e favor do aborto – torna-se ferramenta importante para o debate.

² A Pesquisa Nacional do Aborto 2016 foi coordenada por Debora Diniz, Marcelo Medeiros e Alberto Madeiro; realizada pela Anis – Instituto de Bioética e Universidade de Brasília; financiada pelo Fundo Nacional da Saúde/ Ministério da Saúde e Fundo Elas. Os dados foram coletados pelo IBOPE-Inteligência. O estudo foi aprovado para publicação pela revista Ciência & Saúde Coletiva em 2016.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. (2007). Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

BERTH, J. “Mortes por aborto no Brasil: a legitimação da nossa ignorância. Precisamos falar de aborto.” Carta Capital, 2016. Disponível em: <http://justificando.cartacapital.com.br/2016/09/28/mortes-por-aborto-no-brasil-legitimacao-da-nossa-ignorancia/> Acesso em: 14 out. 2017

OLIVEIRA, L.G. “Eros e Thanatos: a pulsão de vida no conceito freudiano e o homo consumericus.” Revista Labirinto: São Paulo, n°14. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/view/935/918>. Acesso em: 4 out. 2017

PINTO, C.R.J. “Feminismo, história e poder.” Revista de Sociologia e Política: Curitiba, Universidade Federal do Paraná, V.18, n 36, jun 15-23. 2010.

SOLBERG, H. “Meu corpo, minha vida, o filme: seguiremos cúmplices silenciosos de uma chacina?” Agoraéquesãoelas: São Paulo, 2017. Disponível em: blogfolha.uol.com.br. Acesso em: 2 abr. 2017.

STAM, R. Introdução à teoria do cinema. Campinas: Papyrus, 2003.

Tavares, M. Helena Solberg: do cinema novo ao documentário contemporâneo. São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2014.

_____. Helena Solberg: militância feminista e política nas Américas. In: HOLANDA, K. e TEDESCO, M. C. Feminino e Plural: mulheres no cinema brasileiro. Campinas: Papyrus, 2017.